



ARTES

ERA

Emerson Silva Caldas

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil

emersoncaldas72@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i2.36703>

Recebido em: 26/02/2021

Aceito em: 26/03/2021

Publicado em maio de 2021

Antes aqui não passava carro, não tinha asfalto, era pedra, poeira, lama e chão. Morria muita gente; crente, homem, mulher, menino, velho, novo, ladrão. Morria todo mundo. Não tinha um vivo. Eu vivia na rua, eu não morri. Brincava no sol, na lua, na chuva, no vento, nas estrelas e nos planetas. Eu era ruim de bola. Eu não era bom em nada. Eu não ligava e ninguém falava nada.

Eu me divertia. A rua era minha. Conhecia cada bicho, mato, lixo e gente que passava por aqui. Tinha briga de gangue e mulher careca. Sonhava na cidade velha. E eles correram pra me pegar. Molhava toda casa. Chovia aqui dentro, inundava tudo e dava para espremer.

Levaram a casa de barro, não sei o que aconteceu, a de madeira ficou, ela continua aqui. Foi lá fora a briga de facão. Uma vez pegamos rosquinhas fora da validade de dentro do lixo só por danação. Mataram o filho da mulher. Ela correu só sangue no cabelo vermelho. E gritou bem em cima de onde a gente tava comendo. Tinha muita sangue. O homem morreu. Foi na hora de voltar da escola.

No quintal tinha uma luz forte de sol, muito céu azul e folhas verdes das árvores de açáí sonoras quando tocavam o ar. Esse quintal já foi diferente. Ele era maior com muita terra preta. Galinha, pato, cachorro e jabuti. Tudo quanto é bicho já morou aqui. Fedia a merda. Brinquei dias com as meninas no quintal. Me levavam à igreja, eu rezava, me banharam e esfregaram muito o meu pé. Eu era preto. Eles me jogaram muito talco, me queriam branco. Eu não queria nada. Eu queria ficar brincando na rua. Ninguém deixava. Faz tempo. Não tô lembrando bem. Antes aqui não passava carro...



Biografia do autor

Emerson Caldas é graduando em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Pará. É integrante de um coletivo de artistas negros chamado Ilustra Pretice PA e pesquisa a respeito das artes e visualidades construídas pelo povo preto na diáspora africana. No campo das artes visuais, produz colagens manuais e digitais. No campo literário, vem escrevendo a partir de vivências, lembranças, sentimentos e as complexidades que envolvem a existência de um corpo preto no mundo.